Thomaz Pompeu de Souza Brasil

(NOTAS SOBRE SUA VIDA) (*)

SUA EDUCAÇÃO E CARREIRA POLITICA

Tendo feito o curso primario na escola do professor José Raymundo e no collegio dos irmãos Costa Mendes, seguiu Thomaz Pompeu em 1865 para o Rio de Janeiro em companhia de seu irmão Antonio e matriculou-se no collegio dos Padres Paiva, em Rio Comprido, onde permaneceu pouco tempo sendo transferido para o Atheneu Fluminense, dirigido por Monsenhor Reis. Neste collegio teve alguns companheiros, que se tornaram illustres nas letras, entre os quaes Sylvio Romero (então Ramos), que se sentava ao seu lado na banca de estudos, e Aarão Reis, depois lente da Escola Polytecnica e deputado federal.

Seu progresso foi rapido, destinguindo-se especialmente em geographia e philosophia, apezar de contar apenas 14 annos.

Em 1867 seguiu para Recife, onde fez os preparatorios e matriculou-se na Faculdade de Direito, fazendo em todos os annos exames com a nota de plenamente, então a mais alta.

Os annos academicos não lhe offereceram seria opportunidade de mostrar-se. A educação da infancia, seguida pela do internato collegial, tor-

---

(*) Apanhado sobre a vida de Thomaz Pompeu de accordo com apontamentos por elle deixados e entregues ao Barão de Studart por sua Exma. Familia.

nara-o timido, retrahido, sem a expansibilidade, que requer a vida publica, com especialidade a politica.

A despeito disto, e por uma necessidade de externar seus pensamentos, começou em 1863 ou 69 a escrever correspondencias litterarias para o jornal «O Cearense», redigido em Fortaleza por seu pae, o Senador Pompeu.

Recebido o grau de Bacharel em 1872, voltou no fim do anno a Fortaleza tomando parte activa na redacção do «O Cearense». No começo de 1873 por auzencia de seu pae, redactor-chefe do jornal, assumiu definitivamente sua direcção até 1881 quando fundou com o Dr. Nogueira Accioly «A Gazeta do Norte».

João Brigido e Dr. José Pompeu collaboravam tambem no mesmo jornal, mas, cabia-lhe a tarefa principal.

A tarefa jornalistica era então pesada, porque além do trabalho de redacção tinha o seu autor de rever uma e mais vezes as provas typographicas. Ao demais os artigos chamados de fundo versavam sobre assumptos doutrinarios ou arguição e defeza da feição politica do jornal. Claro é que o jornalista precisava estudar e conhecer, não só a historia politica de seu paiz, como a daquelles que serviam de modelo ás nossas instituições. Os adversarios recorriam frequentemente a acontecimentos partidarios proximos ou remotos para mostrarem incoherencias em principios ou factos, que enfraqueciam a censura ou defesa das arguições.

Actualmente o publicista pouco ou nada se refere ao procedimento passado dos partidos que, por isso mesmo, perderam a razão primordial de sua existencia. Não trazem para o publico a tradição dos seus principios, os actos demonstrativos de sua coherencia; vivem *au jour le jour*, sem programmas, sem a cadeia de solidariedade que une e estreita os partidarios sob uma bandeira, que cobre os interesses communs, e justifica as ligações pessoaes, as dedicações. Parece que as aggremiações politicas na republica visam mais a posse do poder pelo poder. Os partidos monar-

chicos ficavam annos e annos fora do poder, soffrendo seus adeptos as atribulações do ostracismo com resignação e firmeza. Nesta emergencia, os caracteres se avigoram, dando á nação o exemplo e lição civica do amor sincero, do apego a seu credo politico.

Em taes condições, o jornalista precisava a cada passo alludir e demonstrar os actos de desprendimento, de patriotismo dos seus correligionarios, quando nos cargos governamentaes ou fora delles. A historia, a tradição nacional era quasi a condição primaria do jornalista; razão pela qual não se improvisavam jornalistas.

Os orgãos de publicidade, em vez de serem redigidos por moços habeis e aventurosos, como actualmente, o eram pelos chefes ou politicos de nota, que incarnavam parte da propria tradição. Se algum moço se aventurava a escrever para a imprensa, ou limitava-se por algum tempo aos principios theoricos das questões debatidas ou estudava com afinco a nossa historia, compulsando memorias, collecções de jornaes e tudo quanto lhe podia servir de lição.

Thomaz Pompeu, ao assumir a redacção do «O Cearense», em 1873, entregou-se ao estudo minucioso da historia administrativa do Ceará e em geral do Brasil, além da historia da Inglaterra e da França, do periodo de Luiz Felippe.

A imprensa periodica, quasi totalmente politica, porque ainda não se implantara a neutra ou independente, sem côr politica, adquirira assim uma elevação de linguagem e de vistas que honrava o Brasil. Ninguem acreditava, então, que os homens de letras, amantes do seu paiz, se desinteressassem dos negocios publicos, ao extremo de insularem-se fora das correntes de opinião representadas pelos partidos.

Filiado ao partido liberal, fóra do poder, é bem de ver que o moço bacharel não se aproximava do governo adverso, cujos actos fiscalisava e censurava.

O Dr. Thomaz Pompeu tinha por seu pae, não uma estima trivial, commum, mas um amor intenso que tocava á adoração. Estava seu pae fóra de

Fortaleza, quando Th. Pompeu começou uma serie de artigos no «O Cearense», nos quaes revelava serios estudos dos nossos precedentes, João Camara, que dirigia este periodico, recebeu do Senador Pompeu uma carta perguntando quem escrevera com tanta habilidade e conhecimento da nossa historia aquelles artigos, encarregando-o de felicital-o por sua parte. Camara vem alegremente procurar Th. Pompeu para lhe mostrar a carta recebida. O Dr. Th. Pompeu, mais de uma vez, referindo-se a este facto, dizia que foi a maior e mais salutar recompensa, que recebera dos seus esforços.

Como a tarefa jornalistica não absorvesse todo o seu tempo, entregou se á advocacia, de sociedade com o major João Brigido, que lhe remettia autos para arrazoar.

Já nos fins de 1873 ou começo de 74 surge a questão maçonica entre os Bispos e a maçonaria. Th. Pompeu, apresentado por José Avelino e Dr. Accioly á loja «Fraternidade», entrou para ella, sendo logo eleito immediato de orador. Creado o hebdomadario «A Fraternidade» para defender na imprensa a causa maçonica, Th. Pompeu assumiu o papel mais activo na redacção desse jornal. Desde os ultimos annos academicos reunia em sua casa os moços de mais talento; e quando diplomado bacharel, essas reuniões se tornaram frequentes; entre estes moços, sobresahiam Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Xilderico de Faria, Araripe Junior. De dia era em seu gabinete que esta mocidade estudiosa se reunia para discutir e apresentar os seus trabalhos litterarios; á noite a reunião fazia-se em casa de Rocha Lima, onde compareciam, além dos enumerados, João Lopes, Filino Barroso, Dr. Mello e outros.

Com as ligações amistosas daquelles moços, facil foi a Th. Pompeu chamal-os a collaborar na «Fraternidade», que se tornou ultra racionalista, discutindo com ardor as idéas reformistas do livre pensamento contra a «Tribuna Catholica» redigida pelo P.e José Lourenço, depois Bispo.

Uma vez solvida a questão maçonica com a prisão dos Bispos, a «Fraternidade» sem mais razão de ser, morreu a tempo. O Dr. Th. Pompeu,

por sua vez, sem o estimulo da polemica, que o obrigava a estudar as questões debatidas, deixou de frequentar a maçonaria onde nunca mais voltou até morrer. No seu intender ella (Maçonaria) perdera a razão de occultar-se no segredo, na sombra, para amparar os seus socios. Quando iniciou-se no seculo 18, a falta de liberdade de associação obrigava os espiritos liberaes a occultarem-se para se subtrahirem á perseguição dos governos despoticos; tal como os primeiros christãos que procuravam as catacumbas subterraneas para exercerem os actos de seu culto. Desde, porém, que as constituições politicas permittiram e garantiram as liberdades publicas, inclusive a do associação, cessou a necessidade do sigilo dos actos praticados á sombra, sem a participação da opinião publica, principal autoridade nos governos livres.

Em 1874 recebeu o Dr. Th. Pompeu nomeação de delegado fiscal do governo geral junto as bancas de exames preparatorios, cargo que exerceu com austeridade, sem perceber renumeração alguma.

Em 1875, aberto o concurso para nomeação das cadeiras supplementares de portuguez, geographia e historia, no Lyceu, Th. Pompeu inscreveu-se, e tendo feito brilhante concurso, não foi nomeado, porque, estando na administração o partido conservador, a assembléa provincial supprimiu taes cargos.

Em 1876, porém, por morte do cathedratico da cadeira de geographia, Dr. Felix José de Souza, novamente apresentou-se elle ao concurso da mesma, tendo por competidor o Dr. Herculano Salles, velho conservador, amigo da situação. O concurso, muito concorrido, deu ganho de causa ao Dr. Th. Pompeu, de modo tão brilhante e decisivo, que forçou o então presidente da provincia, desembargador Farias Lemos, integro e illustrado magistrado, a nomeal-o. Os concursos não se limitavam a provas escriptas e oraes, sem replicas. Cada candidato podia interrogar o seu competidor por espaço de 50 a 60 minutos. Foi nesta arguição que Th. Pompeu mostrou grande

superioridade sobre o seu competidor, retirando-se do concurso sob palmas e vivas dos auditores.

Já a este tempo, em 25 de Março de 1876, se tinha casado com uma senhora de 15 annos, de grande intelligencia e virtude, D.ª Angela Pompeu, da qual teve quatro filhos—Alba, Thomaz, José e Lais.

Depois da luta maçonica contra os Bispos, formara-se em diversas provincias o partido catholico, entre as quaes figurava o Ceará.

Occorrendo, então, uma eleição para deputados geraes, o Dr. Th. Pompeu apresentou-se candidato; mas combatido pelo clero, deixou de ser eleito por poucos votos.

A situação conservadora, que se vinha enfraquecendo e que gastara os seus homens de mais relevo—Visconde de Itaborahy, Marquez de S. Vicente e Paranhos, afinal não poude continuar, sendo chamado o Senador João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú para organisar o gabinete liberal de Janeiro de 1878. Os Senadores Pompeu e Zacharias de Goes haviam fallecido nos fins do anno anterior, ficando Th. Pompeu sem o apoio de seu pai, chefe inconteste do partido liberal cearense desde 1845.

As eleições para nova camara occorreram em fins de 1878, sendo Th. Pompeu eleito deputado geral.

Eleito e seguindo para o Rio de Janeiro, viu-se rodeado de attenções dos velhos chefes liberaes, especialmente dos que, com seu pai, haviam militado nas fileiras do liberalismo puro. E' sabido que em 1862, o Marquez de Olinda, acompanhado por Zacharias de Goes, Sinimbú, Dantas, Paranaguá, Nabuco e outros conservadores, entendera, a exemplo do Marquez de Paraná em 1854, seguir uma politica de conciliação, com tendencias liberaes, o que deu origem ao partido liberal progressista. O senador Pompeu não os acompanhara, preferindo ficar no ostracismo com Theophilo Ottoni, Octaviano Rosas e outros. No Ceará formou-se um scisma no partido liberal, seguindo uns a Pompeu, outros a facção progressista, ao Barão do Crato.

Excusado é accrescentar que o Senador Pompeu foi muito combatido no Ceará, negando-se-lhe tudo. O Conselheiro Zacharias, que organisara o ministerio de 1864, era politico imperioso; não supportava a contradição de seus actos. No senado, Pompeu collocou-se em decidida opposição. Quando em 16 de Julho de 1869 Zacharias foi substituido pelo Visconde de Itaborahy, as duas facções liberaes reuniram-se,e Pompeu e Zacharias approximaram-se de tal forma que se sentavam juntos e occupavam quasi diariamente a tribuna.

Em 1878, Th. Pompeu era o deputado mais moço da camara, indo desde logo occupar um dos logares de secretario. A sua grande timidez e juventude no seio de uma corporação de homens provectos na politica, como José Bonifacio, Affonso Celso, Dantas, José Liberato, Ruy Barbosa, Martim Francisco, Lafayette, Martinho Campos e tantas glorias nacionaes, não animavam o joven deputado cearense a discursar com segurança. Ao demais, elle nunca havia falado em publico; mas o dever, a consciencia de representar a tradição de um partido, a necessidade de erguer a voz em prol dos interesses de sua provincia, forçaram-o a tomar a palavra mais de uma vez na Camara, sendo mesmo desde a primeira vez cumprimentado pessoalmente por adversarios politicos, como Ferreira Vianna, um dos oradores mais fluentes e de estylo literario mais castiço.

Sendo a camara de 1878 dissolvida, Th. Pompeu foi reeleito em 1881.

Organisado o ministerio Saraiva e posta em foco a reforma eleitoral, cuja discussão se procrastinou na Camara até discutir-se á noite, mais de uma vez teve Th. Pompeu de presidir a sessão nocturna, na falta de presidente, vice-presidente e 1.º secretario. Era curioso ver-se um rapaz quasi imberbe presidir um cenaculo tão importante.

Desde o anno anterior (1877) que Th. Pompeu, solicitado pelo Dr. Sabino do Monte, secretario do governo, escrevera a parte do relatorio do presi-

dente desembargador Estellita, relativa á instrucção publica.

Em 1878, o presidente Dr. José Julio incumbio-o igualmente de escrever este capitulo de seu relatorio á assembléa provincial, cuja inserção, em dito documento, foi feita sem a menor alteração. O Dr. José Julio era bastante intelligente e instruido para redigir por si, sem auxilio estranho, todo o seu relatorio, mas preoccupado com a secca, especialmente com a organisação do serviço de soccorros, e um pouco moroso na acção, preferiu entregar a outrem aquella tarefa.

A este serviço seguiram-se muitos outros do mesmo genero prestados por Th. Pompeu a varios presidentes, taes como o Senador Leão Velloso, Desembargador Barradas, Caio Prado, no Imperio. Em relação ao ultimo, cujo relatorio ou fala ficou inedito, mas escripto em dois tomos encadernados, deu-se um incidente digno de memorar-se.

A pedido de Joakim Catunda, a quem Caio Prado havia pedido que escrevesse sobre a secca e suas causas provaveis, escreveu Th. Pompeu extensa exposição, salientando a influencia exercida pela actividade solar na producção do phenomeno. Catunda passou para sua letra, clara e de facil leitura, o trabalho de Pompeu, e Caio Prado o inserio *ipsis verbis* na sua mensagem, inedita. Alguns annos depois tendo Pompeu escripto sobre o assumpto, expendendo naturalmente as suas idéas que só podiam ser as mesmas expostas por Caio Prado, um jornal de Fortaleza o arguiu do plagiario de Caio Prado.

Na Fala á Assembléa do Senador Velloso, a parte escripta por Pompeu abrangeu muitos assumptos, acompanhados de algarismos ou da parte estatistica. Além de Pompeu o major João Brigido collaborou na dita Fala. Não se podia censurar os presidentes por esta collaboração, porque demorando-se apenas mezes na provincia, ordinariamente o intervallo de uma a outra sessão do Parlamento, não tinham lazer para estudar e escrever com acerto sobre taes assumptos.

As eleições de 1881 e as posteriores de 1885-86 com segundo escrutinio e avultadas despezas

além da canseira pessoal do candidato percorrer todos os collegios eleitoraes do districto, visitando, senão todos, a mor parte dos eleitores em suas casas, situadas, frequentemente, em distancias de leguas, de modo a parecer um cavalleiro andante a solicitar votos ou a dar banquetes nas cidades, adubados de discursos, desilludiram o Dr. Th. Pompeu da vida politica, e só a pedido de amigos, especialmente do Conselheiro Souza Dantas, consentiu em pleitear a eleição em segundo escrutinio de 1886.

O Conselheiro Dantas empenhava-se fortemente em fazer triumphar seu projecto sobre o estado servil, combatido pelos conservadores e um grupo de liberaes na Camara Pompeu, apezar de eleito em 1.º escrutinio foi depurado no reconhecimento de poderes porque a colligação liberal-conservadora havia, na vespera do escrutinio, ficado com a maioria de um voto. O Conselheiro José Bonifacio, amigo particular de Pompeu, informado no Senado do perigo que corria o reconhecimento da eleição deste, não duvidou acompanha-lo espontaneamente do Senado á Camara dos deputados, no pensamento de afastar alguns liberaes daquella colligação, conjurando o fracasso do reconhecimento. Ao subir a pequena escada da Camara, José Bonifacio, já muito cardiaco, mal attingira ao mais proximo gabinete, caira exhausto, e só depois de algum descanso mandou chamar os deputados amigos para tentar a approvação do diploma de Pompeu.

Cumpre lembrar que em 1876 as eleições de S. Paulo em alguns districtos foram contestadas, especialmente as que deviam assegurar a victoria de Gavião Peixoto e José Bonifacio. A Th. Pompeu coube relatar, no reconhecimento de poderes, essas eleições. Amaro Bezerra, deputado pelo Rio Grande do Norte, presidente dessa commissão, empenhava-se pela annulação della. Amaro, chefe influente e quasi senhor politico do R. Grande do Norte, fôra um dos protegidos por Zacharias na phase progressista.

Por antigos ressentimentos do liberalismo puro, si não se malquistara com J. Bonifacio, não lhe vo-

tava sympathia. A despeito de toda pressão exercida por elle na commissão de poderes contra as eleições paulistas, Pompeu, auxiliado pelo deputado Moreira de Barros, depois ministro e presidente da Camara, deu parecer favoravel aos dois grandes paulistas, contra os votos de Amaro e seus amigos. E' provavel que este acto de um moço de 26 annos, que pela primeira vez exibia-se em scenario tão vasto e importante, tenha disposto os paulistas em seu favor, especialmente José Bonifacio.

A intervenção desse grande orador, que era uma alma superior e um coração simples, quasi infantil, de nada serviu. Pompou foi mandado a segundo escrutinio.

O presidente do Conselho, Senador Dantas veio ao hotel em que Pompeu se hospedava, e com os modos e agrados, que lhe eram proprios, levou-o em seu carro á casa de residencia a almoçar com elle. Ao chegarem, já lá estava o deputado Cezario Alvim.

Dantas e sua senhora, de uma bondade excessiva, suppria a deficiencia do *menu* com um carinho expressivo e espontaneo. Disse a Pompeu que se tratava de uma causa alevantada, de maior importancia, e uma questão de honra, que portanto era forçoso que Pompeu invidasse tudo para se reeleger.

Effectivamente o appello foi correspondido com enormes sacrificios de Pompeu.

Reeleito e voltando á Camara, poucos dias depois era esta dissolvida, não tendo aproveitado os sacrificios e esforços daquelle em bem da emancipação escrava.

Este golpe acabou por desgostar Pompeu da carreira politica; endividado por ter gasto em eleições mais de 63 contos, tratou então de trabalhar na industria fundando com seu irmão Antonio Pompeu e Dr. Accioly a primeira fabrica de fiação e tecidos no norte do Brasil.

Não aspirando mais posições politicas absteve-se de concorrer, em 1889, ás urnas e disputar um lugar na representação nacional, sendo-lhe, aliás, facil e commodo porque não teria competi-

dor, e era patrocinado pelo chefe do governo, Conselheiro Affonso Celso. Quando na administração, o presidente Avila, em reunião em palacio, composta do Conselheiro Rodrigues Junior, Coronel Theodorico, Dr. Accioly e Pompeu, num intuito de harmonia, desejoso de conciliar mais solidamente as facções liberaes—Paula e Pompeu—declarou que os havia convocado para dizer-lhes que estava no pensamento de pedir ao ministro A. Celso uma demonstração de apreço e de confiança aos chefes do partido, no Ceará; e assim, desejava que os dois grupos ahi representados indicassem os nomes, que deviam ser levados ao governo para serem distinguidos com as honras de Barão.

O Conselheiro Rodrigues foi o primeiro a fallar, indicando o do Dr. Pompeu, ao que promptamente annuiu o senador Avila com palavras lisonjeiras a este; em seguida o Dr. Accioly indicou o Coronel Theodorico, que foi igualmente acceito. O Dr. Th. Pompeu, que sempre fugiu ás exhibições pessoaes, declarou-se agradecido, mas pediu licença para que seu nome não fosse apresentado.

Com a ascenção dos liberaes ao poder os cargos de vice-presidente precisavam ser preenchidos. Ao grupo a quem coubesse o primeiro lugar, seria chamado a assumir temporariamente a presidencia. A alternativa estava entre Th. Pompeu e Coronel Theodorico. Aquelle não desejava mais tomar parte na politica, mas os seus amigos fizeram grande pressão sobre elle para que acceitasse o primeiro lugar na vice-presidencia; appellaram para sua lealdade e tradições, receiosos de caírem sob a influencia do outro ramo liberal. Th. Pompeu cedeu, e com a retirada de Avila teve de assumir a presidencia, em quadra de penosa existencia para elle, a grave molestia de sua digna esposa. Felizmente para elle, a interinidade presidencial durou pouco mais de um mez, tendo sido recompensado por seu velho amigo Candido de Oliveira, Ministro da Guerra, com a nomeação de lente do curso superior da Escola Militar do Ceará, que acabava de ser creada.

No breve lapso de tempo que occupou a cadeira presidencial, reformou a instrucção publica e as secretarias lançando preferencialmente suas vistas e actividade para a secca, que então flagellava o nordeste brasileiro. Entre outras medidas, que tomou, uma das mais proveitosas e economicas aos cofres publicos, foi a suspensão da matança do gado para distribuição de carne aos indigentes, matança que originava abusos, delapidações, sem proveito apreciavel para os necessitados.

Esta economia foi superior a mil contos.

Ao deixar a administração foi Th. Pompeu homenageado por um banquete dado pelos liberaes dos dois ramos do partido; o que prova quanto elle foi imparcial.

A sua nomeação de lente da Escola Militar, apenas lembrada por elle ao presidente do Conselho de Ministros, foi sem demora lavrada em Outubro. O ministro da Guerra, Conselheiro Candido de Oliveira, era um seu antigo companheiro nas visitas e compras nas livrarias do Rio.

Desde 1878, quando se encerravam os trabalhos diarios da Camara, Pompeu, Candido de Oliveira e as vezes Ruy Barbosa sahiam juntos a percorre-las em busca de novidades litterarias. Em vez de ir para cafés ou flanar na rua do Ouvidor, Th. Pompeu dirigia-se ás livrarias onde permanecia horas a fio. Este habito fe-lo assiduo frequentador de taes estabelecimentos, onde quer que se achasse. Assim em Paris, Londres, Berne e outras cidades, a sua primeira visita era a uma livraria. Em Paris, sobretudo, onde esteve por seis mezes, costumava dar um passeio matinal pelo caes da margem esquerda do Sena, sobre cujo parapeito por mais de um kilometro se estendiam as caixas dos vendedores de livros.

Em um desses passeios encontrou o Conselheiro Lafayette, em 1890, que tambem comprava livros. Th. Pompeu conhecia todos os editores Parisienses, pela assiduidade quasi diaria com que frequentava as suas livrarias.

Estava o Dr. Th. Pompeu ás 3 horas no Palacio da Presidencia, quando o engenheiro Moraes

Jardim, então a frente do governo, recebeu telegramma noticiando a revolução, e a queda da monarchia e o governo provisorio. Th. Pompeu, sempre leal a seus principios, esperou que viesse communicação do Rio de Janeiro para saber o que o seu partido havia resolvido. Depois de alguns dias, quando o telegrapho foi franqueado ao publico, recebeu telegramma aconselhando a adherir á nova ordem de coisas. Repugnava-lhe tal proceder, mas para não ficar solitario, estranho á evolução politica, assignou, com outros representantes de ambos os partidos, uma circular anodina, que, sem falar em republica, referia-se á democracia. Comtudo, reluctando em acceitar a nova situação, publicou na «Gazeta do Norte», de sua propriedade, artigos nada laudatorios ao republicanismo. Isto trouxe-lhe a má vontade do officialismo, obrigando-o quasi a seguir para a Europa em Fevereiro de 1890, onde encontrou-se com o Visconde de Affonso Celso, Carlos Affonso e outros emigrados politicos.

De volta, tinha sido supprimido o curso superior da Escola Militar, ficando elle em disponibilidade.

Por amor á patria escrupulisava perceber os vencimentos daquelle cargo sem trabalhar. Requereu ao governo, na primeira vaga do curso preparatorio da Escola, um lugar para prestar os seus serviços. Floriano Peixoto attendeu-o promptamente designando-lhe a cadeira de geographia.

Os sentimentos monarchicos de Th. Pompeu collocaram-no por mais de uma vez em situação melindrosa, senão perigosa, no seio daquelle Estabelecimento.

Floriano Peixoto acabava de conferir a mais de cem moços da Escola as insignias de alferes; o subido numero de rapazes, estudantes da Escola, o enthusiasmo, quasi adoração, que votavam ao chefe do Estado (Floriano), o dominio que exerceram sobre a cidade, cuja policia não ouzava enfrental-os, tornava perigoso o exercicio das funcções magistraes a Th. Pompeu. Acontecia frequentemente que ao aproximar-se do edificio da Escola, então retirado de habitações civis, era rece-

bido por acclamações estrepitosas de—fora a monarchia, viva a republica!

Pompeu entrava sereno pelo meio da fila de estudantes, que se aggrupavam á entrada do edificio.

Por occasião dos exames os rapazes respondiam mal, insufficientemente ás questões do programma. Dahi as reprovações numerosas na cadeira de geographia. A má vontade dos reprovados cresceu contra Th. Pompeu, que recebia anonymos ameaçadores, si continuasse a reprovar. Um seu collega chegou mesmo a avizar-lhe e pedir-lhe que não comparecesse aos exames de taes dias, porque uns alumnos alferes lhe haviam prevenido que elle (Th. Pompeu) seria desacatado. Este, porém, respondeu-lhe: «Sou um dever que se move, não recuarei».

O general Mallet, que fôra o director da Escola Militar em 1889, prevenira-se contra Th. Pompeu, por ter este trasmittido ao governo a queixa de dois officiaes do mesmo instituto, e o ministro da guerra o exonerara do cárgo. Quando annos depois, na Republica, occupou a pasta da guerra, como ministro, mandou suspender os vencimentos do Dr. Th. Pompeu como lente cathedratico, e abonar-lhe somente os de simples professor. Fôra mera vingança, contra direito expresso.

Poucos annos permaneceu a Escola no Ceará, sendo extincta, e ficando os professores em disponibilidade.

Em 1902 Pompeu e Dr. Antonio Augusto agitaram a idéa da creação de uma Faculdade de Direito no Ceará. Th. Pompeu interessou-se muito junto ao Dr. Accioly, então com assento no Congresso Federal. Em 1903 foi, afinal, fundada a Faculdade, redigindo Th. Pompeu em uma semana o seu Regulamento, que o presidente Dr. Pedro Borges apressou-se em approvar e mandar publicar.

Th. Pompeu tornou-se o director da Faculdade até ser exonerado em 1912 pelo presidente Franco Rabello.

Folgamos em juntar nestas Notas a citação de um facto, que muito ennobrece o nome de Th. Pompeu:

Em 28 de Março de 1880 o Cons.º Saraiva organisava o ministerio, occupando a pasta da Marinha o Dr. José de Lima Duarte, depois visconde de Lima Duarte.

O portador desta pasta havia sido presidente da Camara dos deputados, da qual fôra Th. Pompeu secretario desde 1879. Na convivencia da mesa da Camara o moço secretario e o velho presidente approximaram-se, radicando se entre elles uma solida amizade.

Lima Duarte era, como os Mineiros de outr'ora, um espirito simples, sem refolhos, nem austeridades, sempre alegre e bondadoso.

Uma firma industrial Fluminense, da qual fazia parte o genro de um velho amigo do pae de Pompeu, e que ao chegar ao Rio o obsequiara, moço de origem inglesa, proprietario de um grande estabelecimento de fundição, estaleiro maritimo, solicitou as bôas graças do joven deputado para, em concorrencia nos reparos de dois vazos de guerra, ser aquella firma preferida, caso sua proposta fosse igual ás dos outros concorrentes.

Foi num almoço dado por este industrial no hotel *Freres Provenceaux*, na rua do Ouvidor, a Pompeu que elle manifestou-se neste sentido.

Th. Pompeu, muito moço, sem experiencia, prometteu patrocinar esta pretenção porque nada via de inconveniente em o governo preferir uma firma nacional ás extrangeiras em serviços do Estado. Pompeu apresentou-se a falar a Lima Duarte, que, tomando conhecimento do caso, prometeu formalmente confiar a tal firma os reparos dos dois vazos de guerra. Dias depois Pompeu, retribuindo a finesa do almoço, convidou o socio daquella firma para um almoço no *Royal Hotel*. Ao terminar este almoço, o socio dessa firma, satisfeitissimo com a promessa do Ministro da Marinha, Lima Duarte, disse que era praxe em sua firma industrial recompensar os serviços de quem lhe promovesse beneficio, e neste sentido havia destinado cincoenta contos de réis a Pompeu. Este mal acaba de ouvir taes palavras, não queren-

do dar escandalo numa sala de hotel, na hora de maior concorrencia, recusa energicamente esta offerta, levanta-se, e em continenti toma um carro para ir ter com o ministro Lima Duarte. Encontrando-o em casa, expõe-lhe, indignado, o que acabara de ouvir, desligando o Ministro de qualquer compromisso para com elle.

«Depois de tal feita nenhum homem de bem podia advogar os interesses particulares de quem quer que fosse». Lima Duarte com a bonomia habitual bateu no hombro de Pompeu, dizendo-lhe: «deixa estar que lhe farei os pontos».

Nunca mais Pompeu consentiu em approximar-se de tal agente e socio da grande firma.

O HOMEM DE LETRAS

Já se fez referencia ás occupações magistraes de Th. Pompeu, desde os seus concursos para o Lyceu. Como professor quer deste Instituto, quer da Escola Normal, foi não só assiduo, como um renovador pedagogico.

O ensino de geographia e historia vinha de ha muito sendo dado de uma forma completamente mnemonica. O alumno limitava-se a decorar a lição passada e a reproduzia *ipsis verbis*, sem que o professor procurasse auxilial-o por meio de explicações. O novo professor, porém, adoptou methodo diverso. O seu principal proposito era conseguir que o alumno tomasse interesse pela materia ensinada, e neste sentido costumava intervallar as lições com anedoctas relativas ás mesmas. Explicava as lições salientando nellas os pontos capitaes, cujo conhecimento mais importava. Logo que percebia que o auditorio se distrahia e portanto não acompanhava attentamente a sua exposição, fazia uma diverão. Em geographia, por exemplo, descrevia os phenomenos physicos mais importantes, o esplendor e encanto das cidades e terras. Em historia, demorava-se na biographia dos heroes, relatando-lhes a vida e os feitos. Sup-

punha que a narração dos costumes e habitos de cada povo, sua religião, governo, grão de adiantamento interessavam mais ao estudante que a referencia enfadonha de feitos guerreiros, quasi o principal objecto dos livros historicos da antiguidade e idade media. No Lyceu mandava os seus alumnos copiarem cartas geographicas, não só para fixarem o contorno e relevo do solo, como para aprenderem os nomes principaes. A simples decoração de nomes, sem a coisa correspondente não os obrigava a identifical-os, retel-os conscientemente.

O mesmo methodo adoptou na Escola Militar, onde os moços, mais adiantados em annos e comprehensão, precisavam de noções mais completas sobre os phenomenos metereologicos e até certo ponto geologicos

Na Faculdade de Direito, onde regeu as cadeiras de direito constitucional, internacional publico e privado e economia politica, attendia com muito cuidado ao principio physiologico de que é impossivel reter a attenção do moço por mais de 30 minutos. Quando elle percebia que o estudante se distrahia, olhando para os lados, ou conversando com o collega proximo, elle fazia ponto no que estava explicando, e aproveitando o entrelaçamento do assumpto com outros, divagava sobre este de modo mais pitoresco e agradavel. Alertada a attenção do auditorio, voltava ao assumpto da lição.

Já ficou dito que desde 1868 Th. Pompeu começara a escrever para o «O Cearense» o que, (entre parentheses) deu pretexto a que seu amigo e collega Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos promovesse, na Faculdade, uma sessão solemne do jubileu jornalistico de Th. Pompeu). E nos annos seguintes até a queda da monarchia proseguiu na imprensa. Foi correspondente do «Jornal do Commercio» do Rio, e collaborador em periodicos de menos vulto.

Tambem já foi declarado que elle collaborara em muitas *Falas e Relatorios* presidenciaes, quer no Imperio quer na Republica, sendo que nesta escreveu muitos capitulos das *Mensagens*.

Mas não foi elle somente emerito professor e jornalista notavel, a bagagem scientifica e litteraria, que deixou, muito o recommenda e honra.

Os trabalhos de maior vulto, que escreveu, foram :

Em 1885 um estudo sobre o Commercio e Industria no Ceará, appenso ao Relatorio do Presidente Barradas.

Em 1888 pesquizando os documentos estatisticos da Provincia, entre os quaes os assentos ecclesiasticos de baptisados, casamentos e obitos, compoz uma extensa monographia sobre a «População do Ceará», trabalho que lhe deu entrada no Instituto do Ceará.

Como director da Instrucção Publica, na Provincia, publicou um curioso estudo sobre «Fiscalisação do ensino primario» (1889), no qual passou em revista muitos dos paizes da Europa no concernente a esta materia.

No Relatorio com que devia passar a administração da provincia, em grosso volume, que não foi impresso porque veio a Republica, Th. Pompeu alargou-se em longas considerações sobre a assistencia publica, estudando-a em todas as suas modalidades em alguns paizes Europeus.

Discutindo-se a elaboração da constituição politica do Ceará, Th. Pompeu investigou a questão da «Dualidade das Camaras legislativas» opinando após um estudo historico e comparado pela creação de uma segunda Camara, trabalho, que foi publicado em um dos jornaes de Fortaleza em 1891.

Nomeado presidente da commissão para angariar productos para a «Exposição de Chicago» produziu uma extensa memoria de mais de cem paginas, tratando da parte physica, industrial, commercial e agricola do Ceará, memoria que foi traduzida em inglez sob o titulo «State of Ceará» (1893).

Ao ensino da geographia por elle ministrado na Escola Militar faltava-lhe um compendio, que estivesse a par do adiantamento geographico, Th. Pompeu escreveu-o, publicando-o em edição de 4.000 exemplares; edição que em pouco mais de dois annos se esgotou.

O livro insistia mais nos phenomenos atmos-

phericos, na estructura das terras, na descripção do relevo do solo, nas instituições politicas, nos costumes, etc. do que na simples enumeração de nomes.

Em 1906 publicou «Importancia da vida humana como factor da riqueza» e «Analyse dos diferentes sistemas de esgotos» e em 1909 deu a estampa o primeiro volume do «Ceará no começo do seculo XX», obra volumosa, em 4.º, na qual depois de haver compendiado todas as noticias sobre a estructura physica do Estado, estendeu-se largamente sobre as seccas, quer pelo aspecto historico, quer pelo scientifico. Demonstrou a correlação da actividade solar com esse phenomeno. Estampou a relação das chuvas em Fortaleza desde 1849 até 1908, dia a dia. Historiou as epidemias, seus surtos e devastações. Até o presente ninguem cogitou e estudou mais seria e profundamente os problemas vitaes do Ceará do que Th. Pompeu neste trabalho de paciencia e erudição.

Como director da Faculdade de Direito, da qual foi um dos creadores, tendo elaborado o seu Regulamento, approvado pelo governo federal, apresentou relatorios da mesma Faculdade relativos aos annos de 1904 a 1913 e de 1920 a 1922.

Publicou em folheto um estudo sobre «Direitos adquiridos» em 1913.

Em 1914, na regencia da cadeira de Direito Constitucional, escreveu a obra «Theoria Geral do Direito Publico» em sentido realista, isto é, distanciando-se da corrente romantica, metaphysica. Esse trabalho ficou inedito, apezar da approvação da Congregação da Faculdade, porque o Dr. Th. Pompeu attendendo as difficuldades financeiras do Estado não insistiu até 1929 por sua publicação.

No mesmo anno fez um resumo daquella obra, com o titulo de «Direito Publico Constitucional», que publicou a sua custa, o serviu por alguns annos de compendio aos alumnos do mesmo Instituto.

Em 1913 escreveu uma volumosa monographia sobre «O ensino superior no Brasil» somente

na parte relativa ao ensino juridico. Em um dos seus capitulos pronuncia-se contra a opinião de Ruy Barbosa relativamente á dispensa do concurso no provimento das cadeiras de ensino superior.

Em 1914 escreveu longamente sobre a instrucção primaria no Brasil.

Em 1915 publicou em livro as «Lições de direito internacional publico» para servir de memento aos seus alumnos, quando na regencia da dita materia.

Tambem escreveu em 1915 para seus alumnos da Faculdade de Direito «Lições de Economia Politica», e nos jornaes sobre «Autonomia Municipal» e sobre «Imposto Territorial».

Em 1916 escreveu sobre o Jury e sua decadencia, sobre a apposição da Imagem de Christo no Jury e sobre «Direito ao emprego» e a pedido do presidente Benjamin Barroso um longo trabalho sobre a «Cultura do algodão no Ceará», obra publicada officialmente.

Em 1918 escreveu dois longos pareceres sobre a «Instrucção primaria no Ceará» e a «Reforma da Escola Normal».

Conservou inedita a «Historia politica e administrativa do Ceará», desde a sua separação da capitania de Pernambuco, em 1789, a 1875, em dois volumes in-folio, dactylographados.

«O Ceará no Centenario da Independencia», com a collaboração do Dr. Th. Pompeu Sobrinho, consta de dois volumes de mais de mil paginas, impressas, compendiando o que se refere ao aspecto physico, economico e administrativo.

Em 1928 publicou nos jornaes de Fortaleza um estudo sobre «Qual a melhor forma de governo» e outro sobre os «Limites da competencia administrativa em materia de regulamentação».

Deixou tambem inedita a obra «Anthologia Universal», em 10 volumes in folio, dactylographados, com indice das materias e dos autores citados. Contem mais de 53.000 pensamentos e opiniões.

Além de seus escriptos, pronunciou os seguintes discursos: «De recepção no Instituto do Ceará, em 1889; na Academia Cearense, em 1897; So-

bre o Tricentenario do Ceará, em 1903; sobre o Imperador D. Pedro II, ao se erigir a sua estatua; sobre a Bandeira; sobre o jubileu de Ruy Barbosa; sobre o seu Cinquentenario na Imprensa».

Quando apenas bacharelado, Th. Pompeu approximou-se muito do positivismo, a principio comtista, depois inglez de Stuart Mill, mas nunca renegou a philosophia allemã hegeliana, que elle procurou conciliar com o comtismo, a exemplo do que fizera Taine.

Exaltado na mocidade em desfavor das doutrinas sobrenaturaes, travou polemica contra ellas pela imprensa; modificou-se depois de suas viagens a Europa ao percorrer as obras de arte dos grandes museus Europeus, nos quaes vio o genio artistico reproduzindo na tela e no marmore as scenas mais expressivas do Christianismo. O bello exerceu influencia culminante no espirito de Th. Pompeu, que, sem abjurar os seus principios philosophicos, tornou-se tolerante e até admirador do clero. Aqui, no Ceará, elle não só honrava os seus dois ultimos Bispos, como os sacerdotes virtuosos e abnegados, que conhecera.

Ao envelhecer raramente expunha suas idéas philosophicas, desacordes dos principios religiosos correntes. Receiava ferir susceptibilidades, sem proveito para a verdade, convencido de que as polemicas em materia de crenças não demovem idéas acceitas, affagadas no intimo da consciencia. Ao contrario, em vez de amaciarem as rudezas das convicções solidas, como que irritam-nas, afervoram o zelo intolerante. Para elle, cada um de nós traz ao nascer a conformação cerebral na qual se incrustam pela vida á fora as crenças fundamentaes. O que cambia e se modifica em nada toca a essencia desse fundamento. Assim, no Christianismo, as confissões sectarias podiam diversificar-se e os seus adeptos acceitarem ora uma ora outra, sem alterar o fundo, o esteio propriamente christão. Simples modalidades na comprehensão do phenomeno religioso. As crenças capitaes do symbolo de Nicéa ficam intactas.

A discussão, pois, só colhe as convicções oscillantes, mal assentes, e que precisam de base

para se fixarem. Os raciocinios mais claros, mais logicos, mais concludentes esbarram na muralha impenetravel dos prejuizos sectarios, das incrustações de idéas, que o atavismo ou a hereditariedade gravou em cada cerebro. Si ligeira duvida occasional ensombra a serenidade azulada da mente, reage de prompto a vontade, a dissipar essas nuvens, a restabelecer o rythmo da crença nativa.

Na mocidade, o afan da novidade, a exhuberancia da propria actividade intellectual, a ancia de renome, afasta-a de sua verdadeira base mental, por exageros de opiniões contrastante das geralmente acceitas; em religião o deismo, senão atheismo; em politica as soluções radicaes; em sociologia as revoluções demolidoras; em esthetica as estravagancias cubistas ou outras. A experiencia, apanagio dos annos, não tarda em diluir esses toques vivos, extremistas, e em provocar o equilibrio mental, eliminando as excrescencias adventicias, passageiramente intromettidas no acervo.

Acceitava Th. Pompeu os acontecimentos com a placidez philosophica de optimista. A influencia de Renan, neste sentido, nessa especie de meio fatalismo,transparece em quasi todos os seus actos. Pensava que o nosso proceder era condicionado pelos antecedentes que formaram a nossa personalidade. Tudo o que succedia devia ser explicado e attribuido aos motivos determinantes, sem nos irritarmos, sem succumbirmos, porque havia uma logica universal regedora do physico e do moral. Renan e Hegel, ou Renan atravez de Hegel, como fôra Taine, concorreram muito para a formação intellectual do Dr. Th. Pompeu. Na sua mocidade não só se applicara á leitura da philosophia allemã (Fichte, Hegel, Schelling), como a discutira por dias e semanas com o seu primo J. Catunda.

Mais tarde quando o positivismo avassalou a mentalidade europea e repercutiu no Brasil, Th. Pompeu, com Rocha Lima, estudou-o seriamente, adoptando-o como guia scientifico, Taine aproximou as duas philosophias (hegelianismo e positivismo), Th. Pompeu seguiu-lhe os traços.

A despeito do exclusivismo positivista de regeitar todos os dados do racionalismo metaphisi-

co, Th. Pompeu não conseguiu desembaraçar-se de todo da tara metaphysica, e quando estudou Stuart Mill ficou satisfeitissimo por ver que um dos mais geniaes discipulos de Comte acolhia com agrado o espiritualismo allemão.

Effectivamente Th. Pompeu, que desde os bancos de preparatorios se imbuira das doutrinas racionalistas attinentes aos principios de causalidade, não podia deixar de voltar pela razão a taes assumptos. Era, como repetia, o seu romance da intelligencia; mas a sua metaphysica não se nutria do vago e nebuloso espiritualismo que se enraiga no sobrenatural. Ainda neste ponto acceitou de preferencia as doutrinas de C. Vogt, Czolben, Buchner, Hekel., ou a metaphysica experimental e materialista. Na sua sêde de verdade, em vez de se contentar com o vago, os devaneios puramente imaginarios do espiritualismo procurava bases mais solidas nos factos, nas sciencias experimentaes.

Sua intelligencia era inteiramente refractaria ás crenças do *ex nihil nihil*, não podia comprehender como do nada, do que não existe, fosse possivel tirar alguma coisa extensa e divisivel. Não contestava que a fé, a crença no sobrenatural fosse um phenomeno psychico tão poderoso quanto a propria razão. Chamaram-no atheu, quando no seu intimo, no seu pensamento elle cria em um Deus grande, universal, que resumia todas as forças ou actividade inherentes a materia. Esta não poderia existir sem esta força, que a movia e sustentava.

Em politica tambem desdenhou a hypocrisia, essa adulação rasteira, consistente em lisonjear o povo, entidade abstracta, movediça de opinião, sempre extremista, enthusiasta ou depressiva, ingrata, justificando em seus surtos o conceito que Carlos VII, da Espanha, fazia da multidão que o acclamava delirantemente ao voltar a Madrid em 1823. «Son los mismos perros» dizia elle ao embaixador de um potencia amiga, que assistia a seu lado a essas ovações.

Pensava que o estudioso, segregado do vulgo, no seu gabinete ou laboratorio, em contacto com o que as letras e sciencias tinham de mais fino, delicioso e aristocratico, não podia achar-se bem entre pessoas rudes, grosseiras, inestheticas, indifferentes ás pesquisas da verdade, á cultura das artes, atreitos ás violencias da força, sem ideaes ou aspirações superiores.

Para elle o povo podia dizer o que precisava, mas não sabia como satisfazel-o. Pedir, pois, ás massas a solução dos complicados problemas sociaes ou economicos era, não só illogico, como contrario ao objectivo collimado. Devia-se, pois, tratal-o com carinho como se trata qualquer outro animal de estimação, mas nunca entregar-lhe a direcção dos negocios publicos. Naturalmente, para Th. Pompeu, o povo não se confundia com o artista intelligente e operoso, nem com o funccionario publico ou todo aquelle que se avantajara no estudo, embora sem lograr riqueza. O povo significava o vulgo, a canalha bulhenta, inconstante no trabalho e no proceder, em parte viciada pelo alcool ou outro deprimente da energia, da vontade e do caracter.